



MULHERES E HOMENS AFRICANAS/OS, NEGRAS/OS E JOVENS NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: NOMADISMO E MESTIÇAGEM IDENTITÁRIA NO DEBATE DAS POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

Viviane Melo de Mendonça¹

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, devem-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor. (Anzaldúa, Glória, 2000, p. 235)

Mapas escritos no vento² se configuram e se re-configuram, dissipam e somem como fumaça ou poeira de estrada. Produzem também o aparecimento de sujeitos que se deslocam de um continente para outro, revelando-se como subjetividades nômades, rizomáticas, mestiças, que se afirmam estrategicamente como afetos e experiências vividas que marcam políticas e espaços.

O presente texto pretendeu discorrer sobre estes mapas a partir de cenas compostas de palavras, vivências e imagens de mulheres e homens africanas/os, negras/os e jovens no ensino superior público, participantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)³. O cotidiano e experiências foram objetos de análise, discorrendo cenas e discursos produzidos durante os dois anos da presença de membros deste grupo no *campus*.

O lugar onde o estudo se desenvolveu é o de uma Universidade pública federal, em um *campus* novo, em consolidação, no interior do estado de São Paulo, que tem uma forte ênfase na questão da sustentabilidade social, econômica e ambiental. .

As cenas e relatos descritos a seguir foram possuídos também pelo debate das reservas e/ou cotas de vagas das políticas de ações afirmativas, fortemente travado na Universidade devido ao seu processo de implantação da política de ações afirmativas, estabelecida em junho de 2007 pela

¹ Psicóloga e Doutora em Educação. Professora Adjunta e coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação, Lazer e Culturas da Juventude. Universidade Federal de São Carlos- *campus* Sorocaba.

² Expressão “mapas escritos no vento” foi utilizada como metáfora do sujeito nômade em BRAIDOTTI, R. *Nomadic Subject: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. 1a. edição. New York: Columbia University Press, 1994.

³ Os estudantes do PEC-G (Programa Estudantes-Convênio) são “alunos especiais”, estrangeiros, que foram selecionados diplomaticamente em seus países de origem, visando cooperação bilateral na área educacional. O PEC-G oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais, e foi desenvolvido tanto pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com Universidades públicas - federais e estaduais - e particulares. O PEC-G seleciona estrangeiros, entre 18 e 25 anos, com ensino médio completo, para realizar estudos de graduação gratuitos no país. Os critérios para a seleção destes estudantes são: a) provar que é capaz de custear suas despesas no Brasil; b) ter certificado de conclusão do ensino médio ou curso equivalente; e c) proficiência em língua portuguesa, no caso dos alunos de nações fora da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). <
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12276&Itemid=530 >



PORTARIA GR nº 695/07, de 06 de junho de 2007, que dispõe sobre a implantação do Ingresso por Reserva de Vagas para acesso aos cursos de Graduação, no Programa de Ações Afirmativas.

Conversas e relatos

Em conversas informais e outros relatos, as/os estudantes de Guiné Bissau descrevem que as dificuldades no Brasil são relativas a moradia, alimentação e vestimentas, especialmente em épocas de frio. Como tiveram que concordar que se responsabilizariam economicamente pelas suas estadas no Brasil, sentem resistências em obter auxílio da Universidade.

Para serem selecionados fizeram provas, os homens e mulheres fazem a mesma prova. No entanto, uma das estudantes de 22 anos relata: *“mas o homem pode ter mais facilidade porque eles não são obrigados a casarem, e nem fazem trabalho doméstico, e na maioria da população os homens são os que mais tem direito a escola”*(sic)

As estudantes africanas relatam o lugar da mulher da sociedade de Guiné Bissau: são destinadas e obrigadas a casarem em casamentos programados pelo pai ou um tio, e são preparadas para o trabalho doméstico. O casamento, portanto, significa, para a jovem mulher de Guiné Bissau, viver presa aos trabalhos domésticos, à agricultura e à procriação. Para um homem casar com uma mulher é necessário que ele pague um dote, que pode ser em bebidas, uma vaca, um porco, uma cabra. Os relatos demonstram uma sociedade patriarcal e adultocêntrica rígida, dominada pelos homens, no qual atividades de lazer, convivências com amigos e festas são proibidas ou então acontecem às escondidas: *“Nosso pai não nos deixava ir ao baile ou nos divertir na casa de amigos e na nossa casa nenhum dos amigos ia nos visitar. Costumávamos sair só para ir à igreja e ao colégio. As minhas irmãs namoravam escondido sem ele saber. Se a pessoa queria sair tinha que pedir autorização um dia antes”*(sic). Segundo ela, homens e mulheres almoçam separados. No entanto, ninguém deve almoçar sozinho ou ficar sozinho. A coletividade é obrigatória, e se alguém se separa e fica afastado um do outro, pode ser punido pelo pai.

Cena um

Uma estudante, em 2008, de Guiné-Bissau, matricula-se regularmente em um curso de graduação de Bacharelado em Turismo por meio do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Docentes do curso relatam em reuniões, nos cafés e em conversas informais a surpresa, desconhecimento do programa e os receios quanto aos processos de ensino-aprendizagem da estudante, bem como aos modos de seu acolhimento. Ela é uma negra, é alta para os padrões



brasileiros, é africana, e marca um território próprio, diferenciando-se dos demais estudantes em cultura e fenótipo.

Cena dois

No pátio aberto da Universidade, localizado entre três prédios dispostos de modo que este pátio fique no centro, em uma disposição panóptica, no sentido foucaultiano da sociedade disciplinar, avisto do primeiro andar do prédio, ao longe, a jovem africana sozinha (e que estava cada vez mais sozinha nos intervalos das aulas), sentada em um banco de cimento, em silêncio e com o olhar no vazio, rodeada por um cachorro que não pára de latir. Em outros espaços, estudantes conversando, jogando e estudando juntos. Fico observando esta estudante por alguns minutos, mas sou interrompida por um docente que se aproximou de mim. Ele olha para mim e diz: “*que cena lamentável*”, referindo-se a cena que observo, e vai embora.

Cena três

Uma estudante do curso de Bacharelado em Turismo, no qual jovem africana está matriculada, entra em minha sala com cara de preocupada e pede ajuda para esta colega, relatando que a mesma se encontra cada vez mais triste, sem condições de alimentação, isolada e com frio. Ela conta que procurou a assistente social e alguns docentes relatando o caso. Inicia-se uma “campanha” para ajudar com vestimentas e alimentos a estudante da África.

Cena quatro

Após alguns meses, alguns estudantes das moradias estudantis fortalecem o acolhimento da estudante, realizam uma festa com músicas e comidas de Guiné Bissau. Alguns estudantes e ela própria – com outra fisionomia, e mais alegre - contam e mostram fotografias da festa. A estudante dançou ensinou a dança de sua terra e apresentou a comida típica de Guiné Bissau para os colegas.

Em um de seus relatos, a estudante fala: “*Andava chorando pelos caminhos, mas sempre tive e tenho a esperança de que um dia, mesmo que seja tarde, vou atingir o meu objetivo e realizar o meu sonho. Porque lutei muito por isso e passei muita miséria. Com tempo percebi que valia a pena arriscar e preparar o meu futuro. Nas repúblicas e na universidade, graças a Deus, fiz boas amizades.*”



Cena cinco

Desesperada, a estudante vem conversar comigo. Relata reprovações no primeiro semestre e dificuldades de compreensão dos conteúdos das disciplinas, além de dificuldades de permanência no Brasil. Mas também fala que aqui realiza seu sonho, que ainda assim não quer retornar para Guiné Bissau, que deseja a formatura, ser mulher que trabalha e tem uma profissão, algo que lhe é negado em sua terra.

Sorrindo, mostra as fotos de sua terra e da viagem para Curitiba para encontrar com sua irmã que participa do mesmo convênio na Universidade Federal do Paraná. Suas vestes estão mais coloridas, apresenta um novo corte do cabelo e sua interação com outros estudantes melhora.

Cena seis

2009. Entro em sala de aula e encontro dois novos estudantes de Guiné Bissau, um jovem homem e uma jovem mulher. Ambos sorridentes e participativos.

Cena sete

A primeira estudante se encontra comigo e fala de sua segunda reprovação em uma mesma disciplina, pareceu desanimada, com medo de voltar para Guiné Bissau. Depois me convida para a I Mostra de Cultura Africana do *campus*, que ela e seus colegas de Guiné Bissau estão organizando com o Serviço Social da universidade.

Cena oito

Roupas, fotografias, danças e músicas da África são tocadas no *hall* do prédio de gestão acadêmica da universidade. Os estudantes fazem oficinas de penteados e danças africanas. As cores da África estão presentes no cotidiano da universidade durante uma semana. Elas e ele sorriem.

Cena nove

Em reuniões e em conversas informais, alguns docentes relatam as dificuldades de aprendizado destes estudantes, ampliando a discussão para as políticas de reservas de vagas da USFCar, incluindo os estudantes indígenas. Perguntas surgem: como avaliar estes estudantes? Quais critérios utilizar para a avaliação e o ensino? Deveriam ser os mesmos de outros estudantes?



A questão da língua é uma barreira, e a compreensão de conceitos básicos também. A crítica é reforçada ao receio da participação destes estudantes nas provas do ENADE, que poderiam abaixar a nota dos seus cursos! Preocupação de alguns coordenadores de curso. Uma docente começa a realizar uma atividade de extensão para o ensino de língua portuguesa para estudantes estrangeiros e indígenas.

Cena dez

Em encontros informais com os estudantes africanos, eles estão mais espontâneos, relatam dificuldades, mas estão visivelmente satisfeitos e bem. Falam das dificuldades com as disciplinas, mas que estão felizes em estarem no Brasil.

Cena onze

A primeira estudante a chegar de Guiné Bissau me conta que está escrevendo um livro. O livro trata de sua cultura e de sua história no Brasil.

Figurações do “sujeito nômade” e “sujeito mestiço” na compreensão das experiências

As cenas e discursos descritos possibilitaram desenvolver considerações acerca dos deslocamentos, revelando novas configurações para o debate das políticas de ações afirmativas, quando tem como um de seus objetivos promoverem, nos diferentes âmbitos da vida universitária, ações pretendendo a educação das relações étnico-raciais.

O objetivo traçado aqui é o de compreender estas configurações tendo como modo de pensar as figurações do “sujeito nômade” e do “sujeito mestiço” desenvolvidos, respectivamente, pelas autoras feministas Rosi Braidotti e Gloria Anzaldúa

O termo *figuração*, conforme explica Braidotti (1994), refere-se a um estilo de pensamento que evoca e que expressa caminhos alternativos à uma visão falocêntrica da subjetividade. Portanto, é uma subjetividade alternativa - com novas imagens e novos modos de pensamento - marcada pela urgência que estudiosas feministas tem colocado para explorar diferentes formas de subjetividades das mulheres e suas lutas com a linguagem a fim de produzir representações afirmativas.

O argumento é que a redefinição das subjetividades pode ser uma nova forma de materialismo, um materialismo que desenvolve a noção de materialidade corpórea, que repensa as raízes corpóreas da subjetividade, que dá ênfase a estrutura sexualmente e corporalmente



diferenciada do sujeito da fala. Neste ponto que epistemologicamente se fundamenta o projeto de nomadismo.

Porém, segundo Braidotti (1994), isto não quer dizer que o modo de pensar o corpo ou “encorporamento” do sujeito seja entendido como uma categoria biológica, ou como uma categoria sociológica, mas como um ponto de intersecção entre o físico, o simbólico e o sociológico, que coloca de lado qualquer noção de essencialismo.

Ou seja, por exemplo, pode-se falar enquanto “mulher”, mas não como uma essência monolítica, mas como um conjunto múltiplo, complexo e potencialmente contraditório de experiências, composto das categorias de classe social e de raça, bem como de idade, estilo de vida, orientação sexual e outros, que estão entre si dinamicamente implicados.

É deste pensamento que surge, como propõe Braidotti (1994), uma figuração teórica feminista da subjetividade contemporânea: *o sujeito nômade*.

O sujeito nômade é um mito, isso que dizer uma ficção política, que me permite mover através de categorias estabelecidas e níveis de experiência: borrando fronteiras sem queimar pontes. Implícito na minha escolha está a crença na potência e na relevância da imaginação, do fazer-mito, como uma forma de dar um passo fora do estado intelectual e político dos tempos pós-modernos. Ficções políticas podem ser mais efetivas, aqui e agora, que sistemas teóricos⁴

A imagem do “sujeito nômade”, embora seja inspirado nas experiências de povos e culturas que são literalmente nômades, tem como base o nomadismo como um tipo de consciência crítica que resiste aos modos de pensamento e comportamentos socialmente determinados. Isto quer dizer que nem todos nômades são viajantes, mas que o nomadismo é marcado pela subversão do conjunto de convenções, e é isto que define o *estado nômade*.

Aqui se tem uma aproximação da noção de desterritorialização de Deleuze e Guatarri (2004), que cria um esquema de pensamento que evoca a dissolução da noção de centro, ou de “identidades autênticas” ou de espaço originários.

No entanto, Braidotti (1994), quando desenvolve sobre o pensamento de Deleuze e Guatarri, alerta-nos para a possibilidade de que a fragmentação e a perda da unidade possam reproduzir relações de poder globais, de um espaço macrosocial em um espaço micro. Neste caso, o que ocorre é o risco do “micro-fascismo”: que é menor, mais localizado, mas que, do mesmo modo, reproduzem formações exploratórias e “hegemonias dispersas”.

Se as práticas políticas feministas não tiverem consciência do fluxo cultural transnacional, o movimento feminista falhará no entendimento das condições materiais que estruturam as vidas das mulheres em diversos lugares. Se os movimentos feministas não puderem compreender as dinâmicas destas condições materiais, eles

⁴ BRAIDOTTI, R. *Nomadic Subject: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. 1a. edição. New York: Columbia University Press, 1994, p.4. [tradução livre]



serão incapazes de construir oposições efetivas às hegemonias culturais e econômicas que estão tomando novas formas globais.⁵

O sujeito nômade como uma imagem performativa permite tecer diferentes níveis de experiência que refletem alguns aspectos autobiográficos, como também refletem preferências conceituais para uma visão pós-metafísica da subjetividade, e permite também conjugar políticas feministas com a variedade de políticas, de interesses teóricos e de lugares.

Esta imagem performativa do sujeito nômade é o que Braidotti (1994) tem chamado de “filosofia do ‘como se’”, ou, pode-se dizer, uma prática do “como-se”, que é entendido como um “*reassentamento estratégico*”, no qual experiências vividas são *bricoladas* para a construção de novos modos de subjetividade, novos modos de legitimidade política e de transformação da realidade social (MAGRO, 2003).

Anzaldúa (1987) em sua figuração do “sujeito mestiço” aproxima-se da figuração do “sujeito nômade”, mas radicalizando nas questões de raça e fronteiras de identidade. Nesse processo, o sujeito mestiço se faz pelo conceito da “nova mestiça”, aquela quem busca “reinterpretar a história” universalizante, contrapondo-a através de uma “nova consciência”, que recusa tanto o identitarismo essencialista quanto o hibridismo hegemônico.

É nesse sentido que, em sua discussão sobre uma possível política de alianças, Anzaldúa (1997) ressalta a necessidade de engajar (ao invés de resolver ou dissolver) as tensões subjacentes às narrativas que justificam a opressão e exclusão. Para ela, os termos “solução”, “resolução”, “progredir” e “ir adiante” refletem conceitos culturais dominantes do Ocidente.

Respaldados por ideologias salvacionistas, tais conceitos culturais precisam ser reconhecidos enquanto veículos de violência, já que se materializam em relações gravemente assimétricas. Assim cita a fronteira E.U.A.–México como uma ferida aberta no Terceiro Mundo, uma ferida que range e que sangra, e que revela estas ideologias (ANZALDÚA, 1987).

Tal ênfase sobre a fronteira enquanto uma “ferida aberta” nada tem em comum com a ideologia de suposta transcendência de barreiras celebrada por teorias hegemônicas de hibridismo e transculturalismo. Ao contrário, ela exige que se atente para a especificidade histórica de toda assimetria intercultural. A nova mestiça, portanto, é o sujeito intersticial do feminismo contemporâneo: apesar de dolorosa, a figuração da “consciência mestiça” proposta por Anzaldúa (1987) se origina do movimento criativo contínuo que rompe incessantemente com o aspecto unitário de cada novo paradigma.

⁵ GREWAL, I. e KAPLAN, C.. *Scattered hegemonies: Pos-modernity and transnational feminist practices*. 4a. edição. Minneapolis: University of Minnesota, 1994, p. 17. [tradução livre]



Com a figuração o sujeito nômade e sujeito mestiço, e a prática do reassentamento estratégico, provoca-se ao debate o conceito de Rizoma - tal como proposto por Deleuze e Guatarri (2004) – enquanto ferramenta conceitual para a compreensão de sujeitos em trânsito nas universidades, e que compõem aqui um recorte para a reflexão sobre as políticas de ações afirmativas no campo educacional.

O rizoma permite a hibidação; várias esferas heterogêneas que se contactam no rizoma. A esfera material, a imaterial, uma cadeia biológica, um domínio econômico etc. Isto significa que existe n dimensões e nenhuma delas é mais determinante que a outra [...] ele é sempre um jogo aberto, é uma invenção de vida, é uma construção de um processo, é uma cartografia viva.⁶

É esta invenção de vida que é experienciada como uma cartografia viva pelos estudantes do PEC-G nas cenas e relatos descritos, em um processo doloroso que evidencia a ferida aberta entre a fronteira Brasil e Guiné Bissau (ainda que não existente geograficamente), que é marcada por culturas e costumes diferentes de vivências de grupo, de relações étnico-raciais e relações de gênero, provocando nestes estudantes a criação de uma subjetividade mestiça, onde não há negação de um nem de outro lado da fronteira, mas há uma prática de “borrá-las” sem destruir suas pontes, como sugere Braidotti (1994). Permite-se aí, conforme os relatos, a criação de novos modos de vida e projetos de vida para estes sujeitos, marcados por desejos e afirmação de si.

Ou seja, ao mesmo tempo em que afirmam suas culturas com a Mostra de Cultura Africana, com suas danças, suas roupas e comidas típicas, “borram” as suas identidades em experiências quase despercebidas, que revelam um reassentamento estratégico que os/as deslocam de seu lugar africano, de uma sociedade adultocêntrica e patriarcal, dominada pelo poder do masculino e da repressão do lazer e prazer, para o lugar em que se constroem como um sujeito no interstício.

Há nestas experiências uma bricolagem de novos modos de subjetividade, onde o indivíduo solitário, o lazer, as amizades e trabalho profissional feminino é agora permitido em sua constituição e potencialidade existencial. Há neste contexto a subversão das determinações culturais e sociais de sua terra africana e a subversão de costumes na terra na qual se reassentam, o Brasil. Portanto, um sujeito nômade no interstício.

No entanto, este processo, ainda que necessite um olhar mais perscrutador, pode levar as questões sobre se estes novos modos de subjetividade podem criar novos modos de legitimidade para as políticas de ações afirmativas e de transformação da realidade material e de poder das relações étnico-racial.

⁶ PAL PELEBART, P . Transcrição de fala no 2º. Seminário de Avaliação da Escola Municipal Amorim Lima, São Paulo, SP, 2006. Disponível em:< <http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php?page=Reflexão> >. Acesso em: 12 de maio de 2010.



Porém o tema em debate deve surgir nas dimensões da *afetação*, *mobilização* e da *intensidade*, dimensões estas que, como bem alertou Pal Pelbart (2006), também devem estar presentes em qualquer campo de educação e de ensino e que pressupõe, portanto, uma *imersão* nas experiências, nos cotidianos e nas práticas.

O pensamento rizomático se locomove, desliza, precipita-se nesta imersão. É um pensamento andarilho, que não se assegura em territórios mínimos, verdades absolutas e métodos seguros. É um pensamento que subverte as hierarquias, dissolve os centros e afirma a multiplicidade. É um pensamento em mestiçagem (PAL PELBART, 2006).

Portanto quando imermos no cotidiano e nas experiências de mulheres e homens africanas/os, negras/os e jovens no ensino superior público, participantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), estamos trazendo para a compreensão destas experiências as possibilidades de mestiçagem do pensamento nos deslocamentos regionais e identitários que afetam e desestabilizam a constituição de projetos de vida, aparentemente estáveis destes sujeitos percebidos como “deslocados”, provocando nelas/es a produção de identidades fronteiriças e nômades.

O lugar deste grupo “deslocado” de mulheres e homens negras/os, jovens e africanas/os cria tensão no espaço universitária público - historicamente no Brasil apropriado por grupos hegemônicos - provocando a *afetação*, *mobilização* e *intensidade* no pensamento. Portanto, a tarefa é evidenciar os reassentamentos estratégicos destes sujeitos que resistem ao risco do “micro-fascismos” que as experiências da fragmentação e de falta de unidade, ou a experiência de “deslocado”, podem provocar.

Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês. Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos (Anzaldúa, 2000, p.235)

Bibliografia

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt LuteBooks, 1987.

_____. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". Trad. Édina de Marco. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BRAIDOTTI, R. *Nomadic Subject: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. 1a. edição. New York: Columbia University Press, 1994.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.



GREWAL, I. e KAPLAN, C.. *Scattered hegemonies: Pos-modernity and transnational feminist practices*. 4a. edição. Mineapolis: University of Minnessota, 1884.

MAGRO, M. M. V. *Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

PAL PELEBART, P . Transcrição de fala no 2º. Seminário de Avaliação da Escola Municipal Amorim Lima, São Paulo, SP, 2006. Disponível em: < <http://www.amorimlima.org.br/tiki-index.php?page=Reflexão> >. Acesso em: 12 de maio de 2010.AUTOR.